

2

Platô 1

Os sites de Social Networking (Orkut e Gazzag)

A rede interativa de relações sociais, pessoais, profissionais, e a convergente transmissão de conteúdos, são o mais recente *nomadismo*⁶ do pensamento investigativo desta tese. Mesmo porque não há tempo para pensarmos a Internet a partir da ótica de um *pensamento raiz*⁷, pois, como se sabe, ela pensa de outro modo ou é pensada pelos seus fenômenos de forma muito veloz, horizontal, em erupções, em saltos ornamentais imperceptíveis, que conectam puras diferenças. Se a internet se realiza por disseminação, também conspira em durações de invisibilidade momentânea. E de repente, como acontece nos *sites* de *social networking*, pululando – sempre à maneira das multiplicidades –, mostra os comentários técnicos de criadores de peixes do Rio Grande do Sul, uma reunião de opiniões em torno de um filme recém-lançado, comunidades de fãs de artistas decadentes, admiradores de genitálias depiladas, ou a linguagem técnica de um grupo que ama uma nova arte digital. Ou seja, num *site* de *social networking* tem de tudo. Mas antes de seguir é necessário deixar claro que não se fará, nesta tese, uma abordagem na qual se julgará comportamentos dos internautas, participantes de Orkuts, ou se tentará adivinhar os caminhos mais prováveis para o novo evento digital.

Ao se enfatizar a vocação por uma análise de intensidades, a intenção pode ser resumida em reunir ao conceito de rizoma outros conceitos, para que o entendimento da singularidade do fenômeno estudado fique cada vez mais visível. Pretende-se observar os *sites* de relacionamento social como processo da vida, como vontade de potência, como um pensamento de uma natureza de grande poder de transformação, que corre às vezes por baixo das imagens dos *sites*, dos downloads, das linguagens de programação, dos chats, dos fóruns, dos perfis,

⁶ Termo utilizado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* ao se referirem à velocidade de passagem do pensamento rizomático.

⁷ Conceito que Deleuze contrapõe ao rizoma. Refere-se ao pensamento arborescente, onde um elemento gera dois, com um caule central ramificado, tentativa sempre de controlar o caos.

blogs e comunidades. É como afirma Gilles Deleuze a respeito da dificuldade de entrar em contato com a forma rizomática de pensar:

Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda. Não é fácil ver a erva nas coisas e nas palavras (Nietzsche dizia da mesma maneira que um aforismo devia ser “ruminado”, e jamais um platô é separável das vacas que o povoam e que são também as nuvens do céu).⁸

Este platô começa pelo meio dos *sites* de rede social. E se não é fácil pensar pelo meio, pode-se dizer que há que se contar com a alegria imperiosa das descobertas, de transitar o novo. O fenômeno *social networking* será visto como manifestação estética, artística: “A arte é mais potente do que o conhecimento, pois ela quer a vida”⁹, afirma Nietzsche. O pensamento investigativo desta tese é artista, quer a vida. Pretende-se ressaltar a junção originária entre arte e a *techné*¹⁰. Portanto, uma visão trágica¹¹ servirá para tornar a leitura das forças empreendida ainda mais suscetível às manifestações que operam escamoteando sua origem. A esse respeito, é impossível não se lembrar de Heráclito quando afirmava que “a natureza ama esconder-se”. Sem dúvida, algumas naturezas têm esse dom ou essa magia, o quê, por outro lado, serve para preencher de ainda mais beleza e raridade o seu desvelamento. Nietzsche explicita:

Se a força científica reprimiu a força artística dionisiaca, isto é, se a arte, e como ela a vida, foi desvalorizada pela metafísica socrática, é preciso revalorizar a arte – que cria uma superabundância de forças, que é o grande estimulante da vida, uma embriaguez da vida – para obrigar o saber a um retorno à vida.¹²

Obrigar o saber a retornar à vida é mostrar que forças estão envolvidas nos fenômenos estudados e como o pensamento artista irá vagar por vários acontecimentos, por regiões férteis de potência. Os *sites* de redes sociais são um dos traçados dessa busca.

⁸ Deleuze e Guattari, 1995, vol. 1, p. 35.

⁹ Machado, 1999, p. 40.

¹⁰ Na aulas do professor Cláudio Ulpiano ouvia-se, com frequência, que *Ars* é *techné*. Em uma busca rápida no dicionário Aurélio; Técnica = “o conjunto de processos duma arte ou ciência”;

¹¹ Trágica, no sentido nietzscheano, quer dizer “da vida”, como processo de análise de suas forças.

¹² Idem.

Não resta dúvida que os *sites* de rede de relacionamentos são um fenômeno de alta velocidade. Basta verificar seu crescimento exponencial. O Gazzag, líder brasileiro em *sites* de *social networking*, por exemplo, conta com mais de 5 milhões de usuários em menos de 300 dias de existência. O *site* que deu origem a outros com o mesmo propósito chama-se Orkut, e leva o nome do fundador, Orkut Buyukkokten.



São mais de 11 milhões de usuários conectados por todo o mundo (e até o final desta tese deverá superar a casa dos 15 milhões, com facilidade). Já conta com mais de 8 milhões de brasileiros cadastrados, em uma expansão incomum, e que demonstra como a cultura de um país pode se refletir na internet: nós, brasileiros, adoramos conversar com amigos, em qualquer que seja o ambiente.

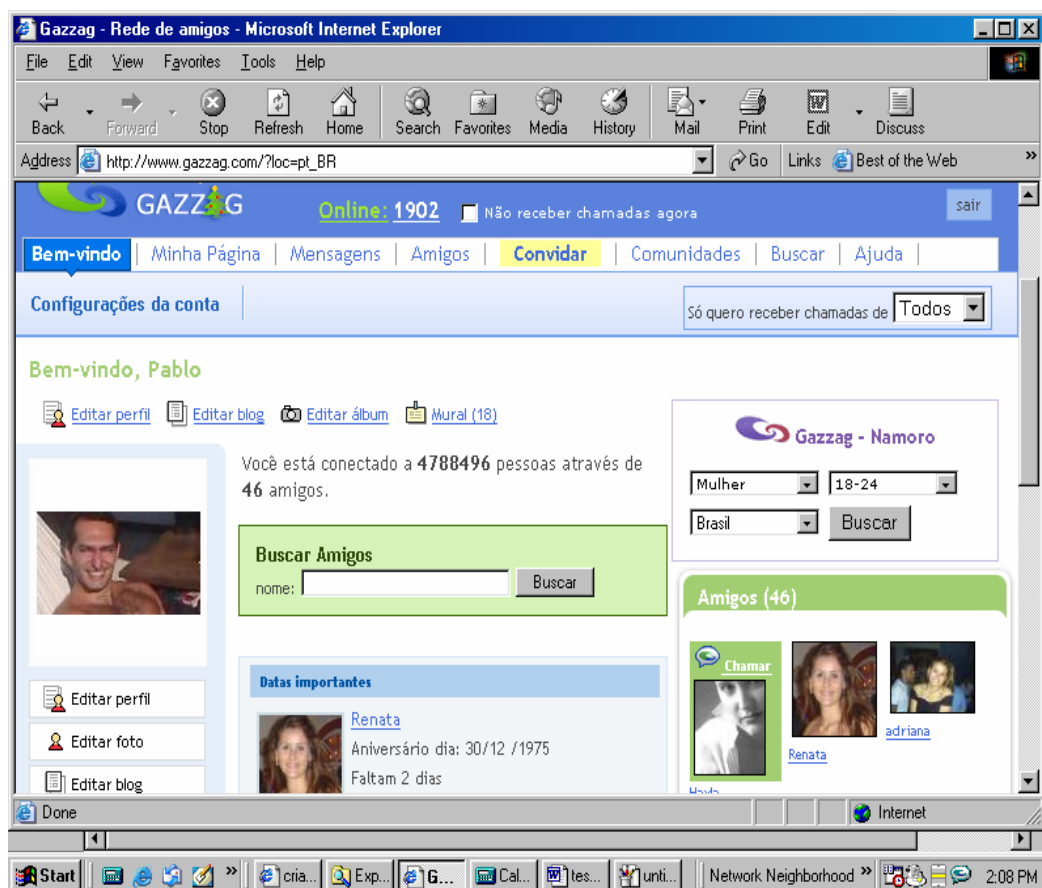
A idéia nasceu do desejo de criar um serviço no qual se possa trocar mensagens, participar de fóruns em comunidades sobre assuntos específicos e disponibilizar o perfil do internauta para que as pessoas entrem em contato com ele. Encontrar amigos e redes de trabalho, ou pessoas interessadas em namorar *on line*, também parecem ser as principais motivações para o número elevado de participantes. É, sem dúvida, o maior e mais interessante fenômeno do meio

digital, além, é claro, de tornar evidente como é possível, em muito pouco tempo, acontecer um fenômeno *on line*.

Nascido no meio, **entre** a tecnologia e as naturezas humanas, entre os conhecimentos, entre os vários segmentos da sociedade, se manifestando nos intervalos entre a voz, a imagem e a escrita, os *sites* de rede sociais são um movimento natural de continuidade de forças rizomáticas na internet. Como se sabe, o rizoma é pura velocidade, trafega pelo meio, entre as diversas disciplinas, naturezas de informação, linguagens, escritas, signos, etc. Ainda na dissertação mencionada, no trecho extraído de *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari indicavam:

O meio nada tem a ver com uma média, não é um centrismo, nem uma moderação. Trata-se, ao contrário, de uma velocidade absoluta. O que cresce pelo meio é dotado de tal velocidade.

Não é possível estar no centro da internet, ele sempre será relativo, a partir do *browser* que se conecta. E se fará agenciamentos. Os *sites* de redes sociais, por exemplo, não deixam de ser agenciamentos coletivos de enunciação, como diria Gilles Deleuze. Um lugar não central, mas que reúne forças, intensidades, velocidades novas de textos e escrituras. O *hiperlink*, menor unidade intensiva da internet, é uma energia de conectividade que some no exercício da navegação. Por natureza, é a-central, é meio condutor, energia de condução, de conectar. Apenas para citar um exemplo, o Gazzag, *site* de *social networking* genuinamente brasileiro, em pouco mais de 10 meses já conta com mais de 126 mil comunidades em diversas categorias, que têm títulos que vão desde “Ex-funcionários de Empresas” até “Casa e Lazer”, ou ainda, as categorias de Música, Personalidades, Esportes, etc.



Como saber quem começou ou onde se localiza o centro do Gazzag? A pergunta é desnecessária. A cada 50 minutos é criada uma nova comunidade. O próprio *site* permite tantas funcionalidades que não é possível afirmar quem estará fazendo o quê, neste exato momento. Poderá se estar enviando um *e-mail*, uma mensagem, escrevendo um *scrap* para alguém, editando um *blog*, escrevendo uma opinião sobre o comentário de outra pessoa em uma comunidade, conversando em tempo real (o Gazzag oferece uma ferramenta de bate-papo *on line*), colocando uma foto, etc. O paradoxo é que, diante do *browser* se vê uma tela estática, parece que nada acontece. Algumas poucas imagens em flash estão “animadas”, um aviso ou outro sobre uma mensagem que chegou. Entretanto, tudo está em movimento vertiginoso. 5.480 pessoas estão conectadas neste segundo, é o que avisa o contador de pessoas *on line* no *site*. O Gazzag necessita de 60 servidores para estar no ar. Os Hds, em seu desempenho eletro-mecânico, são acionados por milhares de pessoas, ao mesmo tempo, quando imprimem, com a ajuda do *mouse*, um clique sobre a interface digital. Uma equipe de técnicos e programadores trabalha diariamente para mantê-lo funcionando “sem quedas”. E, no entanto,

tudo parece estar imóvel. Se fosse exequível criar uma imagem para o monitoramento das atividades dos usuários no *site* agora (os softwares, para tanto, apenas nos mostram gráficos das funcionalidades), certamente veríamos um formigamento veloz e dinâmico de energia sendo disparado de maneira intermitente. Jorros de conectividade poderiam eclodir apenas da atividade de enviar *e-mails*, intempéries de envios de fotos para serem publicadas (são mais de 10 mil imagens postadas diariamente) e milhares de pedidos ou convites para conversas *on line* estão sendo emitidos. Ou seja, o rizoma ou o platô de intensidades de um único *site* é uma forma de vida digital, virulenta, agitada, que se movimenta continuamente, incessantemente, sem ter um centro específico de atividades. Mesmo de dentro de um único *site* é impossível não se começar pelo meio. E é bom lembrar que, em uma navegação, este evento tende a se potencializar, uma vez que se atravessa de uma funcionalidade a outra, em superfícies digitais distintas.

É necessário não esquecer também que as intensidades humanas, as emoções e sensações estão atuando de forma simultânea com o artefato digital. Um imenso corpo tecnológico e humano, uma espécie de vasto heterônimo homem/máquina se entrelaça, se conecta, com variações humanas e eletrônicas. Não são poucos os artigos que mencionam um tipo de compulsão originada pelo uso abusivo da internet. Ainda sem saber como definir esta nova adição, os psiquiatras são cuidadosos ao afirmar que não é raro o aparecimento em consultórios de pessoas que estão sendo compelidos a usar o computador e a internet de forma quase ininterrupta. Em artigo recente n'O Globo Online, especialistas apontam:

Assim como alguns são dependentes de drogas, jogo e cigarro, outros são viciados em internet, fenômeno que especialistas americanos consideram um "problema psiquiátrico". A doentia fixação pela rede foi diagnosticada como "distúrbio de adição à internet", e estima-se que entre 6% a 10% dos aproximadamente 189 milhões de americanos usuários de computador padecem do mal. Também chamado de "internet-dependência" e "internet-compulsão", esse vício é verificado através de um comportamento de uso da internet que afeta a vida normal, causando estresse severo e afetando o relacionamento familiar, social e profissional. Uma pessoa que passa horas do dia em frente ao computador navegando na internet, enviando mensagens eletrônicas, negociando ações ou jogando pode ser considerado um "cyberadicto" e, por isso, precisa de ajuda, segundo especialistas. (...)Segundo Hilarie Cash, os cyberadictos tendem a

padecer de outros males psicológicos como depressão e ansiedade, ou a superestimar problemas familiares e conjugais. E, de acordo com pesquisas realizadas por psiquiatras especializados em internet-adicção, mais de 50% dos viciados na rede também são dependentes de drogas, álcool, tabaco ou sexo.

Portanto, é imprescindível observar que, como em qualquer outro meio, a internet adere somatizações, problemas e desvios oriundos do comportamento humano. Na internet, forças se relacionam, se complementam, se potencializam, fazem também rizoma com as atividades fora da rede. A questão é pensar que toda uma gama de emoções humanas pode ser expressa e comunicada com uma velocidade e intensidade fora do comum, própria ao meio rizoma e ao pensamento do Fora, como se refere Gilles Deleuze, a respeito dos ritmos e variações que caracterizam o conceito. Ainda sobre o aspecto compulsão, alguns especialistas esperam para tornar suas conclusões mais objetivas quando se trata de internet e vício. No mesmo artigo, Sherry Turkle, autora de “Vida na tela: identidade na Era da internet”, afirma que não se pode colocar a internet no mesmo patamar que as drogas e o tabaco: “A internet é um meio de comunicação. Não é como a heroína, que gera isolamento e dependência”.

Controvérsias à parte, o que se verifica é um irreversível *agenciamento*¹³, como citam Gilles Deleuze e Felix Guattari, em *Mil Platôs*, entre homem e máquina. O rizoma é um conceito do entre, relacional. É no meio que pega velocidade e ritmos, de crescimento e retração, de variação e estabilidade, ora se atualizando, ora se transformando em outra natureza, perpassando diferentes estados e estratos que se superpõem. Mas, sobretudo, algo chama a atenção: o fluir potencializado de um pensamento que reúne em uma única instância todas as formas de disfarces, máscaras e intermediação que fazem justamente a Vida passar, se intensificar. Tese trágica. Tese que expressa uma sabedoria de Fora, de dissipação. Se tem dito até então. Sim, sem dúvida, nos *sites* de *social networking* as forças estão operantes, tomam formas vulcânicas, assenhoradas de si mesmas, progressivamente atualizadas, através das imagens impactantes das fotos, na criação permanente de novas comunidades, nos *scraps* com desenhos digitalizados, no contato interpessoal em tempo real, nos *layouts* e textos

¹³ Deleuze e Guattari, 1995, vol. 1, p. 23: “... porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz.” Sim, o desejo, sua atmosfera exclusiva, limiar, este elétrico sublinhar sobre a vida, este platô de intensidades humanas, é um rizoma.

manipulados digitalmente, nas escritas impregnadas de emoções e sensações, que denotam a invisibilidade fluída do rizoma internet com o seu pensamento do Fora.

Como mencionado, os *sites* de rede social ou orkuts são uma mania, uma “nova onda”, uma espécie de compulsão da internet, a última intempérie do fenômeno digital. Pierre Lévy, em seu livro *Cibercultura*, escrito em 2000, indica a gama de transformações que os eventos da Internet provocam na percepção humana:

O ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que ampliam, exteriorizam e alteram muitas funções cognitivas humanas: a memória (bancos de dados, hipertextos, fichários digitais [numéricos] de todas as ordens), a imaginação (simulações), a percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), os raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Mas o rizoma não necessita de formatos avançados de tecnologia digital para se expressar. Ele atua de forma exponencial em qualquer área. E, claro, também em *sites* de *social networking*. A presença de pessoas jovens, com cultura no uso da internet é muito grande. Apenas para citar um número, no Gazzag, 49% dos 5 milhões de usuários estão na faixa etária abaixo dos 22 anos. Estas mentes estão abertas às novas experiências e as sensibilidades estão afloradas pelo imediato contato com pessoas e costumes de todos os tipos e ordens. A insurgência de um novo pensamento, de uma nova forma de pensar e expressar sentimentos, é inegável. A informática e a conseqüente utilização da internet invadem a vida dos jovens e transformam hábitos. Todo mundo hoje parece ter um perfil, com *blog*, fotos e listas de comunidades escolhidas a dedo, de acordo com preferência ou gostos muito íntimos. Mas isso tem começado bem cedo. A geração de crianças que têm hoje de 8 a 10 anos já se conecta à rede e fazem suas próprias navegações, ainda que vigiados pelos pais, e traçam o próprio percurso enfatizando as preferências por este ou por aquele assunto. Alguns educadores se mostram contra ou indecisos quanto à prática das novas tecnologias na formação de alunos. Outros enfatizam ou estão criando suas próprias metodologias, pesquisando, abrindo alternativas saudáveis à interação com a internet. É o caso da doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-RJ), Andrea Cecília Ramal, que defende o uso da informática antes mesmo da fase da alfabetização. Sobre isso, Andréa é enfática:

O texto linear tem uma estrutura, já é pré-definido, enquanto no hipertexto as crianças definem seus próprios caminhos com diversos assuntos. A geração da cibercultura, vem absorvendo com a Internet um novo paradigma mental (**um nova maneira de pensar**, grifo nosso), que no futuro fará dessas crianças adultos com maior capacidade de aprender por si mesmos e de participar.¹⁴

Esta nova maneira de pensar, de conectar pensamentos, criar um plano de imanência, algo ainda invisível para aqueles que não estão familiarizados com o uso da internet, se tornará mais evidente com a continuidade desta linha de investigação. A princípio, o pensamento que potencializa a fragmentação do pensar, que torna ou transborda o horizontal deslindar das conexões de idéias, sentimentos e sensações, em uma expressão latente, ganhará força junto com outros conceitos, de outros filósofos, além de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na interação com diários, *on line* ou não, comunidades literárias em *sites* de *social networking*, e outras vias de acesso rizomáticas, na internet e fora dela. A tentativa visa testar outras possibilidades intensivas criadas pela vida em um plano de imanência, em um pensamento do Fora, sem se ater apenas ao pensamento do tipo arborescente, que vai do mais específico ao mais geral, de um maior grau a um menor, que vive da hierarquia, do engavetamento, compartimentando o modo de estruturar os saberes, as informações e comunicações entre os seres humanos¹⁵.

Polêmica à parte, não se deixará de verificar o quanto se tem de pesquisar nesta área para obter uma paisagem nítida dos aspectos mais contundentes do crescimento interativo de um pensamento do Fora¹⁶, um plano de imanência que encontra, na literatura dos *blogs* e comunidades na internet, uma superfície adequada para projetar o seu contorno, a sua presença, nem sempre tão imagética, mas intersticial, sub-reptícia, rizomática. O pensamento é uma velocidade infinita,

¹⁴ Idem.

¹⁵ Deleuze e Guattari, 1995, p. 25: “Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar nas árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito. Toda a cultura arborescente é fundada sobre elas, da biologia à Lingüística”. Referindo-se ao modelo sintagmático de Chomsky. Na verdade, Deleuze, faz a crítica da árvore como modelo hierarquizante nas ciências, na filosofia e demais áreas de saberes, onde tudo adquire uma ordem, uma classificação arbitrada por um tipo de pensamento que quer dar ordem à vida.

¹⁶ Deleuze e Guattari, 1993: “Dir-se-ia que o plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado, e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensado no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo no pensamento, e todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo mundo interior: é a imanência, a intimidade como Fora, o exterior tornado intrusão que sufoca e a inversão de um e de outro. A ida-e-volta incessante do plano, o movimento infinito. Talvez seja o gesto supremo da filosofia: não tanto pensar o plano de imanência, mas mostrar que ele está lá, não pensado em cada plano.”

um não-pensado no interior do pensado. Um plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado, juntos. A dinâmica movediça, a infiltração exterior, caracteriza a maneira singular pelo qual “aparecerá” o pensamento que emergirá do fenômeno exposto em nossa navegação fragmentada e caótica que nasce pelo *meio* da Internet. Mas uma melhor explicação virá mais à frente, aos poucos, nas abordagens que se seguirão a respeito da literatura dos *blogs* e comunidades dos *sites* de *social networking*.